



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 11, v. 1 mai. -out. 2019

p. 176-191.

Performances trans incomodam?

Quando a vida em público é passível de violência

Daniela Souza¹

RESUMO: Neste texto nos dedicamos às performatividades discursivas midiáticas que narram as lutas de corpos marginalizados, excluídos e desumanizados. Nos atemos à novela *A força do querer*, da Rede Globo de Televisão, enquanto produção midiática que impulsiona a circulação de discursos sobre a transexualidade. O ângulo de observação pretendido contempla semioses direcionadas a situações de violência e performatividades de afeto decorrentes de tais situações. Através de índices que entremeiam significações de violência pretendemos observar como a precariedade está entextualizada. Os afetos, neste caso, são significativos do reconhecimento da humanidade presente nestas vidas, de modo que através deles é possível observar se essas vidas são consideradas vivíveis ou visíveis. São perguntas a serem respondidas aqui: De que forma a transfobia é entextualizada? Quais discursos são utilizados para justificar, motivar ou endossar atos de violência? Quais afetos são levados em conta? As noções de vergonha, medo, melancolia, solidão e trauma estão envolvidas? São conceitos operacionalizantes da análise de texto aplicados a este trabalho: entextualização e indexicalidade. Precariedade, violência, reconhecimento, afeto, soberania e estado de exceção são temas transdisciplinares que nortearam também este texto. A visibilidade midiática da violência contra o corpo trans confere a este subgrupo de vidas, marginalizado pelo biopoder, o reconhecimento da precariedade. A vida em si é representativa de um coletivo numérico que morre todos dias, que é assediada, violentada, ferida, desumanizada. O afeto, neste caso, torna o corpo trans reconhecível, dá vida a este corpo, humaniza-o, torna-o enlutado. Os afetos tornam dicotomicamente reconhecíveis tanto a precariedade, violência e morte quanto a vida vivível.

PALAVRAS-CHAVE: corpo trans em luta; performatividade de gênero; mídia.

Abstract: In this text we are dedicated to performatividades media discursive narrates the struggles of marginalized, excluded and dehumanized bodies. We focus on the novel *A força do querer* by Rede Globo de Televisão, as a media production that drives the circulation of speeches about transsexuality. The intended angle of observation contemplates speeches about situations of violence and performativity of affect resulting from such situations. Through indexes that interweave meanings of violence, we intend to observe how the precariousness is entextualized. The affections in this case are significant in the recognition of the humanity present in these lives, so that through them it is possible to see if these lives would be considered liveable or visible. These are questions to be answered here: How is transfobia entextualized? What discourses used to justify, motivate or endorse acts of violence? What affections are taken into account? Are the notions of shame, fear, melancholy, loneliness and trauma involved? They are operative concepts of the text analysis applied to this work: entextualization and indexicality. Precariousness, violence, recognition, affection, sovereignty and state of exception are

¹ Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: daniela.marcias@gmail.com

Recebido em 31/01/19

Aceito em 30/06/19



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. II, v. I mai. -out. 2019

p. 176-191.

transdisciplinary themes that have also guided this text. The media visibility of violence against the trans body gives this subgroup of lives, marginalized by biopower, the recognition of precariousness. Life itself is representative of a numerical collective that dies every day, which is harassed, raped, wounded, dehumanized. Affection, in this case, makes the body trans recognizable, gives life to this body, humanizes it, makes it mournful. The affections make dichotomous recognizable both precariousness, violence and death as living life.

Keywords: trans body in struggle; gender performativity; media.

Resumen: En este texto nos dedicamos a las performatividades discursivas mediáticas que narran las luchas de cuerpos marginados, excluidos y deshumanizados. Nos atemos a la novela "La Fuerza del Querer", de la Red Globo de Televisión, como producción mediática que impulsa la circulación de discursos sobre la transexualidad. El ángulo de observación pretendido contempla semiosis dirigidas a situaciones de violencia y performatividades de afecto derivadas de tales situaciones. A través de índices que entremezclan significaciones de violencia pretendemos observar cómo la precariedad está entextualizada. Los afectos, en este caso, son significativos del reconocimiento de la humanidad presente en estas vidas, de modo que a través de ellos es posible observar si esas vidas son consideradas vivibles o visibles. Son preguntas a responder aquí: ¿De qué forma la transfobia es entextualizada? ¿Qué discursos se utilizan para justificar, motivar o endosar actos de violencia? ¿Qué afectos se tienen en cuenta? Las nociones de vergüenza, miedo, melancolía, soledad y trauma están involucradas? Son conceptos operacionales del análisis de texto aplicados a este trabajo: entextualización e indexidad. Precariedad, violencia, reconocimiento, afecto, soberanía y estado de excepción son temas transdisciplinarios que guiaron también este texto. La visibilidad mediática de la violencia contra el cuerpo trans confiere a este subgrupo de vidas, marginado por el biopoder, el reconocimiento de la precariedad. La vida en sí es representativa de un colectivo numérico que muere todos días, que es asediada, violada, herida, deshumanizada. El afecto, en este caso, hace que el cuerpo trans reconocible, da vida a este cuerpo, lo humaniza, lo hace enlutado. Los afectos hacen dicotómicamente reconocibles tanto la precariedad, la violencia y la muerte como la vida vivible.

Palabras clave: cuerpo trans en lucha; performatividad de género; los medios de comunicación.

Este texto é sobre as performatividades de gênero não binárias, sobre os corpos não heteronormativos, sobre a dissidência, o (des)fazer o gênero. Este texto pretende ser um estudo *queer* e contrassexual, deslocando os padrões fixos e rígidos propostos pela matriz de inteligibilidade de gêneros, de modo a aventar o desessencialismo. Fluidez e deslocamento são conceitos orientadores neste trabalho, compreendemos que a tanto os gêneros quanto os discursos são performativos, processos de ser, estar e agir no mundo. Assim, nos distanciamos de concepções de gêneros e linguagem engessadas, idealizadas e puras.

Lançamos luz às performatividades discursivas midiáticas que narram as lutas de corpos marginalizados, excluídos e desumanizados. Dirigimo-nos à novela *A Força do Querer*, da Rede Globo de Televisão, enquanto produção midiática que impulsiona a circulação de discursos sobre a transexualidade. Nos interessa observar como, a partir da abordagem da novela dedicada às questões de gênero, outros textos e debates sobre estas emergem no cenário nacional. Assim, rastreamos textos jornalísticos centrados na temática trans proposta pela novela. O ângulo de observação pretendido contempla semioses direcionadas a situações de *violência* e performatividades de *afeto decorrentes* de tais situações. São perguntas a serem respondidas aqui: de que forma a transfobia é entextualizada? Quais discursos são utilizados para justificar, motivar ou endossar atos de violência? Quais afetos são levados em conta? As noções de vergonha, medo, melancolia, solidão e trauma estão envolvidas?

A força do querer é a primeira obra televisiva brasileira a apresentar a possibilidade de desfazer o gênero de maneira pontual e específica. A obra se propôs a discutir a performatividade de gênero abertamente, dedicando um núcleo de protagonismo para a questão, motivo pelo qual tornou-se passível de interesse para este estudo. Pretendemos observar como esses corpos que transcendem aos padrões binários são apresentados à sociedade, levando em conta as potencialidades de seus afetos e os discursos que emergem de situações de violência, por meio da análise de textos. Em específico, buscamos lançar o olhar para a performances dos/as personagens Ivan e Ivana, Elis Miranda e Nonato na novela *A força do querer* situadas em espaços públicos, as quais entremeiam significativos índices de violência.

É importante observar se as mudanças socioculturais da modernidade recente têm se refletido em mudanças discursivas no ordenamento midiático, de modo que se construam discursos contra hegemônicos. A circulação cada vez mais veloz de textos, principalmente em decorrência das tecnologias digitais, redes sociais e plataformas *online* de distribuição de informações, nos obriga a levar em conta a viagem dos textos. Assim, torna-se, na atualidade, imprescindível observar os textos enquanto performatividades fluídas, móveis e plurais. Deste modo, a possibilidade de



descontextualizar determinado discurso e inseri-lo em outro contexto será discutida de modo mais específico na seção a seguir. Nos atentaremos as noções de entextualização e indexicalidade enquanto conceitos operacionalizantes de análise de texto.

1. As performances discursivas em movimento

As noções de mobilidade, fluidez e instabilidade são fundamentais para a compreensão das mais recentes discussões sobre a contemporaneidade, tanto no que diz respeito às identidades, e aqui incluo as de gênero e sexualidade, quanto aos textos. Neste artigo, nos dedicaremos a mobilidade dos textos, a qual mantém uma relação muito estreita com a internet. A era digital possibilita a viagem dos textos em escalas de tempo e espaço múltiplas, assim como os torna acessíveis a múltiplos sujeitos. “As práticas comunicativas em geral têm sido afetadas por fluxos de saberes cada vez mais dinâmicos e por inundações sígnicas e textuais, cujas marcas seriam, além do transbordamento, o hibridismo, a imprevisibilidade, a instabilidade transformadora”. (FABRICIO, 2016, p. 135)

Em vista desta noção de texto como construto móvel e dinâmico pelo qual agimos no mundo, faz-se importante levar em conta o conceito de entextualização. “A noção de entextualização parte da visão de que textos – dos quais fazem parte signos e performances semiótico-corporais – têm uma natureza móvel, só existindo em circulação”. (FABRICIO, 2016, p.136) Ao serem replicados, automaticamente, os textos sofrem alterações, uma vez que estes materializam discursos socioculturais, assim os contextos nos quais são incluídos os tornarão variáveis em cada situação de comunicação.

Entextualização foi o conceito cunhado por Bauman e Briggs (1990) para explicar “o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística qualquer em uma unidade – um texto – que pode ser extraído do seu cenário interacional”. (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 22) Em outras palavras, a entextualização é a viagem de um texto para além de seu contexto de origem, é quando um texto é retirado de seu primeiro contexto de produção e levado a outros, os quais podem manter ou não relação com o “original”. No caso deste artigo, o contexto de origem dos textos centra-se nas cenas da novela e o novo contexto é o ambiente midiático *online*, em forma de textos jornalísticos que tematizam as citadas cenas. Bauman (2004, p. 4) afirma que:

O processo de entextualização, ao circunscrever um trecho de discurso de seu contexto, inserir propriedades coesivas formais e (com frequência, mas não necessariamente) produzir coerência interna serve para objetificá-lo como unidade textual a qual se pode fazer referência e, assim, pode ser descrita, nomeada, mostrada, citada e tratada como um objeto. [...] Um



texto, portanto, a partir dessa perspectiva, é discurso descontextualizável.

Ao serem movidos os textos transformam-se em novos textos. (BLOMMAERT, 2010) “Em cada percurso há um novo texto, múltiplas entextualizações são possíveis e novos valores são precipitados por sujeitos sociais, cujos repertórios diversos dependerão de suas histórias de vida”. (MELO; LOPES, 2015, p. 61) Deste modo, segundo Guimarães (2014, p. 70) o processo de entextualização configura-se como um modo de ação sobre a cultura, assim, ela pode ser naturalizada, transformada, ou reorganizada por meio dos discursos que constituem as práticas sociais, possibilitando o que Fabricio e Lopes (2002, p. 12) chamam de “o aspecto cambiante do significado”.

Melo e Lopes (2015, p. 61), destacam outro aspecto da trajetória textual, a indexicalidade. (BLOMMAERT, 2006) “Indexicalidade é a dimensão do significado em que características textuais apontam (indexam) significados recuperáveis contextualmente” (BLOMMAERT; MALY, 2014, p. 4), os quais carregam consigo valores, ideologias e dogmas. Guimarães (2014) afirma que todos os signos carregam em si a indexicalidade, podendo direcionar determinados posicionamentos e identificações, de modo que apontam para relações e hierarquias de poder distintas. A indexicalidade não acontece, segundo a autora, aleatoriamente, mas sim de maneira coerente. O que também significa dizer que as escolhas discursivas que fazemos refletem nossa identidade e tudo que está contido nela, tanto numa escala particular e individual (micro), quanto sociocultural e histórica (macro). Melo e Lopes (2014, p. 660) explicam que “o construto teórico analítico de indexicalidade é relevante, porque indica como nossas performances discursivas locais na enunciação sinalizam Discursos construídos social, histórica e coletivamente que permeiam o mundo social”. (OCHS, 1992; BLOMMAERT, 2006 apud MELO; LOPES, 2014, p. 660)

Segundo Blommaert (2010), a indexicalidade é ordenada de duas maneiras: as ordens indexicais e as ordens de indexicalidade. A ordem indexical é definida por Melo e Lopes (2014, p. 660) como “um construto que nos permite entender como os sujeitos sociais em suas performances narrativas indexicalizam ideologias e/ou Discursos das grandes narrativas que orientam nossas vidas sociais”. A ordem indexical produz, constrói categorias naturais e essencializadas, as quais determinam o modo como as pessoas se comportam em relação a si mesmas e aos grupos sociais a sua volta. No que diz respeito à ordem indexical dos corpos trans, por exemplo, observamos que existem ideologias, crenças e dogmas que permeiam as performances discursivas sobre o tema.

As ordens de indexicalidade são os modos pelos quais os discursos são normalizados de acordo com as expectativas sociais nos processos de interação, tais normas são regidas pela sociedade



ou podem estar contidas no interior da performance linguística que as carrega. Para Melo e Lopes (2015, p. 62), “tais ordens de indexicalidade são estratificadas e hierarquizadas, indicando, assim, a relação de poder nelas existente”. A ordem indexical produz, constrói categorias naturais e essencializadas, as quais determinam o modo como os sujeitos se comportam em relação a si mesmos e aos grupos sociais a sua volta. No que diz respeito a ordem indexical dos corpos trans, por exemplo, observamos que existem ideologias, crenças e dogmas que permeiam as performances discursivas sobre o tema. Adentramos ao tema das performances LGBT que entremeiam índices de luta pela vida na seção a seguir.

2. Estado de exceção – da precariedade à violência

Preciado argumenta que “performativos do gênero são fragmentos de linguagem carregados historicamente do poder de investir um corpo como masculino ou como feminino, bem como sancionar os corpos que ameaçam a coerência do sistema sexo/gênero”. (PRECIADO, 2015, p. 28) A coerência do sistema sexo/gênero se organiza através de arranjos, que como dito anteriormente, “são tão familiares que parecem fazer parte da natureza”. (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 37) Esta aparência de naturalidade tem efeitos sobre aqueles/as que fazem o gênero através de arranjos considerados incoerentes. “A crença de que distinções de gênero são ‘naturais’ faz as pessoas se escandalizarem quando alguém não segue o padrão”. (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 37)

Contudo, as pessoas não só se escandalizam, mas principalmente engajam-se em um esforço social enorme para normatizar o comportamento daqueles/as que subvertem a matriz hegemônica do gênero. “Estes se tornarão, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação e punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões”. (LOURO, 2004, p. 16) Aqueles(as) que pertencem a grupos marcados por dissidências sexuais ou de gênero tornam-se irreconhecíveis, deixam de ser donos de suas próprias existências e tornam-se seres controlados pelos que são “reconhecíveis”, pertencentes a matriz de inteligibilidade de gênero.

Dentro do sistema de reconhecimento, a divergência corporal e performativa frente a norma é considerada como monstruosidade, violação das leis da natureza, ou perversão, imoralidade. Práticas sexuais se transformam em identidades e em condições políticas que devem ser estudadas, repertoriadas, perseguidas, castigadas, curadas. (PRECIADO, 2008) Quando o quadro regulatório é desobedecido, aquele/a que o faz deixa de ser um “sujeito legítimo, um corpo que importa” (LOURO, 2004, p. 16), uma vida vivível. Seria necessário, portanto,



Compreender aquelas maneiras de vivenciar gêneros, por exemplo, que são indevidamente reconhecidas ou que se mantem irreconhecíveis precisamente porque elas existem nos limites das normas estabelecidas de se pensar a corporeidade e mesmo a condição de pessoa. [...] A performatividade de gênero é assim atrelada às maneiras diferenciais em que os sujeitos se tornam elegíveis ao reconhecimento. (BUTLER, 2016 p. 35)

Butler (2015) argumenta que os marcos de reconhecimento perpassam as normas, essas operam de modo a tornar certos sujeitos reconhecíveis, e tornar aqueles que não se adequam a elas menos reconhecíveis. Segundo ela, o problema do reconhecimento não se refere a encontrar modos pelos quais seja possível encaixar, moldar e incluir mais pessoas nas normas vigentes, adequar as pessoas a elas. A questão centra-se na necessidade de compreender como as normas disseminam diferentes formas de reconhecimento, produzindo abismos sociais. Como será possível, então, operar desessencialismos em relação às normas que orientam o reconhecimento? “O que poderia ser feito para produzir um conjunto de condições mais igualitário da condição de ser reconhecido? Para mudar os próprios termos da condição de ser reconhecido a fim de produzir resultados mais radicalmente democráticos?”. (BUTLER, 2015, p. 20)

O reconhecimento da dissidência não ocorre de uma vez por todas, é um processo multifacetado, ou seja, se projeta em conjunturas específicas. Passa, por exemplo, pela possibilidade de negar o direito de reconhecimento, nestes momentos emergem jogos de poder que tendem à exclusão, à precariedade e à violência. Ignorar a existência de corpos que divergem da matriz heteronormativa, torna estes corpos invisibilizados, tornando nulos seus direitos humanos. “Assim, há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas”, este corpo é morto. (BUTLER, 2015, p. 17)

É possível, também, reconhecer parcialmente as performatividades discordantes à norma e resigná-las ao campo das diferenças ou diversidades, a serem toleradas e limitadas à margem, a spectralidade do reconhecimento, neste caso, prevê que este só se realize mediante o silenciamento que mantem a ordem. Neste corpo, as características que o tornam dissidente estão mortas, são apagadas, enclausuradas para que não incomodem a matriz de inteligibilidade hegemônica. Não deveria haver, portanto, feminilidade no homem gay, ou masculinidade na mulher lésbica. Estes são corpo docilizados, encaixados em padrões de performatividades de gênero, e disso depende o reconhecimento. Além de silenciado, o corpo pode ser ainda reconhecido e visibilizado, sem que se perca de vista sua abjeção, enquanto ressalva às condições de possibilidade de existência plural. Por fim, contempla-se o reconhecimento da vida destes corpos como vidas que importam, dignas de serem vividas.



Este espectro variável de possibilidades de reconhecimento nos permitem questionar “em que condições torna-se possível apreender uma vida, ou um conjunto de vidas, como precária, e em que condições isso se torna menos possível ou mesmo impossível”. (BUTLER, 2015, p. 14-15) Segundo Butler (2015), a capacidade de reconhecer uma vida depende, em parte, que essa se produza de acordo com normas que a caracterizam como vida. São os esquemas normativos que a aproximam ou distanciam do reconhecimento. “Uma vida tem que ser inteligível como uma vida, a fim de tornar-se reconhecível. Os esquemas de inteligibilidade condicionam e produzem essas normas”. (BUTLER, 2015, p. 21)

Neste sentido, as normas de gênero relacionam-se à precariedade, pois “aquelas pessoas que não vivem seus gêneros de maneiras inteligíveis estão em risco acentuado de assédio, patologização e violência”. (BUTLER, 2016, p. 34) Todavia, reconhecer que essas vidas são precárias não significa que ela importe, ou que suas condições de sobrevivência serão asseguradas. A precariedade pode referir-se às “condições invivíveis em que vivem as minorias de gênero” (BUTLER, 2016, p. 33). São vidas as quais estão nas mãos de outros(as), e por muitas vezes, este(a) a quem se está exposto, conhecido ou desconhecido, não lhe assegura a dignidade. “‘Precariedade’ designa essa condição politicamente induzida em que certas populações sofrem por conta de redes insuficientes de apoio social e econômico mais do que outras, e se tornam diferencialmente expostas à injúria, violência e morte”. (BUTLER, 2016, p. 33)

A precariedade é a distribuição desigual de precariedade, de condições de possibilidade de vida, a exposição à riscos diferenciais de morte, fome, pobreza, patologias. São vidas que apresentam índices de vulnerabilidade acentuados, pela falta de proteção estão induzidas/expostas à violência. São formas de vida irreconhecidas, estão desamparadas pelo Estado e por seus ordenamentos, e portanto, estão aquém dos direitos humanos, vivem à sombra. “Existir em tal limite implica que a própria viabilidade da vida de alguém é colocada em questão, o que poderíamos denominar como as condições ontológicas sociais da persistência de alguém”. (BUTLER, 2016, p. 36) A subsistência e a prosperidade do corpo não estão asseguradas por forças políticas e sociais. “Uma vida específica não pode ser considerada lesada ou perdida se não for primeiro considerada viva. Se certas vidas não são qualificadas como vidas, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas”. (BUTLER, 2015, p.13)

O reconhecimento de uma vida relaciona-se diretamente à possibilidade de esta ser uma vida passível de luto. Morte e vida definem a precariedade. “É exatamente porque um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver. Apenas nas condições nas quais a perda tem



importância o valor da vida aparece efetivamente. Portanto, a possibilidade de ser enlutada é um pressuposto para toda vida que importa”. (BUTLER, 2015, p. 32) Uma vida cuja morte significará luto será uma vida preservada em virtude dessa consideração.

Em vista de tais considerações nos questionamos: Quando certas vidas deixaram de importar e serem passíveis de luto? Quais corpos estão em constante luta por suas vidas? Quais outros têm o poder de dar vida ou morte, dignidade ou intolerância àqueles? Quais as condições concretas em que se exerce o poder de fazer morrer, deixar viver ou expor à morte, bem como os modos de sua exequibilidade. Há vidas e corpos que são escolhidos e marcados para serem expostos à morte ou diretamente executados. (AIRES, 2018) A condição máxima de precariedade, de Butler, converge no estado de exceção, discutido por Mbembe (2016). O estado de exceção faz do ser humano uma sombra personificada. Citando o exemplo do escravo, Mbembe argumenta que, no estado de exceção, a biopolítica submete o sujeito a uma perda tripla, a perda de um “lar”, dos direitos sobre seu corpo e de seu status político. “Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social”. (MBEMBE, 2016, p. 131) Estas perdas configuram a existência de sujeitos que não são humanos, seres sociais e subjetivos, mas sim propriedades, posses que tem seus valores mensurados por sua rentabilidade, força de trabalho. “A humanidade de uma pessoa é dissolvida”. (MBEMBE, 2016, p. 132) A negação de humanidade às vítimas de LGBTfobia motiva a eliminação sistemática, intencional e disseminada. “A pessoa é assassinada porque, além de romper com os destinos naturais do seu corpo-sexual-generificado, o faz publicamente e demanda esse reconhecimento das instituições sociais”. (BENTO, 2016, p. 51)

O poder de reconhecer determinadas vidas e subjugar outras à precariedade encontra-se estabelecido por enquadramentos, normas e regimes que se constituem da matriz de inteligibilidade de gênero para assumir o que é aceitável e o que não o é. O poder sobre a vida e a morte destes grupos é exercido pela soberania. A soberania é o controle sobre a mortalidade e a vida, se faz através da implantação e manifestação do poder (MBEMBE, 2016, p. 123) de que dispõem os dirigentes sobre seu povo. A preocupação de Mbembe é com os modos pelos quais a soberania poderá configurar-se como ferramenta de instrumentalização generalizada da existência humana, sendo capaz de representar a extermínio material dos corpos humanos e populações (MBEMBE, 2016, p. 125) que sejam dissidentes.

A soberania aparelha-se no biopoder. Ancorando-se em Foucault, Mbembe assinala que o biopoder seria “aquele domínio da vida sobre o qual o poder tomou o controle”. (MBEMBE, 2016,



p. 123) O biopoder é exercitado pela soberania, pois divide os seres humanos em grupos, de modo que as diferenças entre estes se torna alvo de regulação:

Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos e o estabelecimento de censura biológica entre uns e outros – a percepção da existência do outro como um atentado a minha vida. Isso é o que Foucault rotula com o termo “racismo”. A função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. (MBEMBE, 2016, p. 123)

Resultando, portanto, na possibilidade de “erradicar a pluralidade da condição humano”, convergindo, conquanto em um ideal de pureza. Sob esta perspectiva determinadas vidas apresentam-se como ameaças às demais, de modo que cabe a soberania “a vontade e capacidade de matar para possibilitar viver”. (MBEMBE, 2016, p. 129) Deste modo, nos questionamos, sobre quais sujeitos merecem morrer para que outros mereçam viver? Quais vidas importam e quais podem ser descartadas? “A soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (MBEMBE, 2016, p. 135), imputa alguns a condições de precariedade extrema, eximindo-os de vida.

Diante de tais perspectivas sobre o reconhecimento, a precariedade e a violência em estados de exceção, nos lançamos as práticas discursivas as quais serão analisadas, buscando compreender através das reflexões: 1. De que modo a precariedade se reflete em violência. 2. Como esta violência entremeia índices de afeto. Esses são significativos, neste contexto, por refletirem potenciais formas de tornar a vida passível de comoção e, portanto, uma vida minimamente reconhecível pelas práticas midiáticas. Os afetos, como será explicitado mais a frente, geralmente não estão diretamente expressos nas cenas, estes são, diferente das ações e falas descritos, interpretados por aqueles que recontextualizam as cenas em notícias.

A seguir seguem as descrições das cenas que impulsionaram entextualizações em práticas midiáticas digitais.

3. Descrição das cenas entextualizadas

Quatro cenas de violência em espaços públicos são entextualizadas na amostra discursiva deste artigo. A primeira cena, entextualizada pelo *site* Pure People, no dia 7 de julho de 2017, mostra Ivan



sendo agredido verbalmente por homens, é através da intervenção de Nonato que a cena se conclui. A segunda cena, entextualizada pelo *site* Uol/Notícias da TV, no dia 12 de setembro de 2017, apresenta violência física contra Ivan, as partes da cena contemplam a agressão física, a interferência de pessoas que passavam pelo local, Ivan desmaiado, a ligação de um desconhecido para a casa de Ivan e em seguida os pais dele no hospital. A terceira cena, noticiada no dia 9 de maio de 2017 pelo UOL/Notícias da TV, trata-se de uma lembrança, são memórias que Nonato conta à Biga, sua amiga, a primeira parte da cena mostra Elis Miranda sendo agredida fisicamente pelo irmão, em seguida a cronologia da cena é invertida, Elis Miranda é vista pelo irmão no palco, e então corre, mas é alcançada. A quarta cena tem como protagonista Elis Miranda, que é agredida fisicamente por homens, o desenrolar da situação mostra Elis no hospital público, no entanto, é numa clínica particular que, como Nonato, o atendimento acontece, o texto é do jornal *O dia*, publicação de 9 de junho de 2017.

4. De que forma a transfobia é representada? Quais discursos são utilizados para justificar, motivar ou endossar atos de violência?

Levando em consideração quais índices de violência e quais circunstâncias de razão são preferidos para entextualizar as cenas mapeamos algumas amostras recorrentes. Estas apontam para diferentes modos de representar a transfobia, os quais refletem a diversidade de possibilidades de agressão, tanto verbal quanto física. No entanto, no que diz respeito as circunstâncias de razão, é possível notar que uma é mais evidente, a aparência proporcionada pela vestimenta. No quadro a seguir alguns excertos ilustram quais ordens de indexicalidade estão envolvidas na trajetória dos textos das cenas para os textos jornalísticos.

Quadro 1- Indexicalidade de violência

1. A jovem será **encurralada** por homens na rua *por estar usando roupas masculinas* (PURE PEOPLE)
2. O transgênero será covardemente **espancado** por homofóbicos, que o deixarão caído no chão, sangrando e inconsciente. (UOL)
3. *Vestido de mulher*, Nonato **apanha** do irmão em a força do querer. [...] "Saí desabalado na carreira, era salto, roupa despencando pelo caminho. Elson me alcançou, **me quebrou todo de pancada.**" (UOL)
4. *Travestido de Elis Miranda*, o motorista ouvirá **ofensas de dois rapazes**. [...] *Os homens partem para cima dele com socos e pontapés*. Nonato **apanha**, mas também bate. (O dia)

Fonte: elaborado pela autora.



Os índices “encurralada”, “espancado”, “apanha”, “me quebrou todo de pancada”, “ofensas”, “partem para cima” e “socos e pontapés” indexalizam significados de violência. A maioria deles expressa índices relacionados à força física, assim, podemos supor que a violência física está em evidência em relação à verbal. A violência verbalizada acarreta danos que têm seus efeitos implicados em um panorama que não é palpável, não se liga à materialidade, mas sim à subjetividade, ao psicológico, ao trauma individual. (CVETRIVICH, 2003) A violência que deixa marcas na pele, que fere, sangra, gera números de morte, números em leitos de hospitais, gráficos, dados, esta é colocada em primeiro plano, pois gera respostas culturais ao trauma de modo coletivo. (CVETRIVICH, 2003) E, em relação a esta, é esperado que o Estado proteja ou repare em caso de danos ao corpo, à vida, de modo clínico ou jurídico, quando estas vidas forem reconhecidas como vidas.

“Quando lemos a respeito de vidas perdidas com frequência são dados números, mas essas histórias se repetem todos os dias, e a repetição parece interminável, irremediável”. A violência física, dona destes números parece causar um distanciamento da humanidade presente em cada corpo sem rosto que soma nesta conta injusta de mortes. Essas vidas, extremamente precárias, tornam-se invivíveis, invisíveis e demandam luta. Butler (2016, p. 28) nos diz que:

Quando uma pessoa vive enquanto um corpo que sofre reconhecimento indevido, possivelmente insultos ou assédios, discriminações culturais, marginalização econômica, violência policial, ou patologização psiquiátrica levam a uma maneira desrealizada de viver no mundo, forma de viver nas sombras, não enquanto um sujeito humano, mas como fantasma.

Levando em conta os índices que acompanham as representações específicas de transfobia observamos uma recorrência interessante, os agentes “por homens”, “por homofóbicos”, “do irmão”, “de dois rapazes”, “os homens” são todos do gênero masculino. As circunstâncias de modo empregadas nos textos “covardemente” e “sangrando e inconsciente” sugerem empatia. A violência contra estas vidas trans nos demonstra o grau de vulnerabilidade e a dimensão da precariedade aos quais estão submetidos estes corpos, os quais são considerados esvaziados de vida, humanidade e dignidade por esses agentes da “soberania” que exercem seu biopoder de determinar quais vidas importam e quais devem ser aniquiladas, diminuídas, corrigidas. “A categoria “humanidade” está assentada no pressuposto de uma natureza dimórfica dos corpos, na diferença sexual. Essa matriz de reconhecimento exclui de seus marcos aquelas/es que deslocam as definições de feminino e masculino”. (BENTO, 2016, p. 53)

As circunstâncias de razão “por estar usando roupas masculinas”, “vestido de mulher”,



“Travestido de Elis Miranda” alinham-se a necessidade de cumprir o quadro regulatório de gênero da moda. Essas vidas deixam, portanto, de serem reconhecidas como tal devido à aparência. “A questão do reconhecimento é importante, pois se nós dizemos que acreditamos que todos sujeitos humanos merecem reconhecimento igual, presumimos que todos sujeitos humanos são igualmente reconhecíveis. Porém, e se o campo da aparência não admite todas as pessoas?”. (BUTLER, 2016, p. 35)

5. Quais afetos são levados a cena? As noções de vergonha, medo, melancolia, solidão e trauma estão envolvidas?

Os afetos sugerem entextualizações das cenas nas quais o olhar de quem descreve a cena toma forma, pois o texto da novela em seu contexto original raras vezes descreve o afeto ou o nomeia. Sentimentos passíveis de estarem envolvidos em situações de violência são levados ao texto jornalístico demonstrando que não apenas o texto verbal contido nas cenas da novela estão entextualizados, mas também os gestos, expressões faciais e comportamentos. No quadro a seguir, observamos alguns índices que apontam para afetos que podem estar envolvidos no contexto de violência textualizado na novela:

Quadro 2- Indexicalidade de afeto

5. Apesar **do susto e das humilhações**, ela se livra de ser violentada fisicamente com a ajuda de Nonato (Silvero Pereira), que afasta os agressores. [...] Ao andar na rua com a aparência masculina, a irmã de Ruy (Fiuk) é observada e **fica envergonhada** ao ouvir comentários a seu respeito. [...] Ivana, **irritada**, grita pedindo que lhe deem passagem, mas os agressores ficam ao seu redor, rindo e debochando dela. (PURE PEOPLE)
6. A violência **chocará** toda a família. [...] Muito **emocionada**, Joyce conversará com o filho. (UOL)
7. “Claro que eu tentei ser que nem meus irmãos, o Elson e o Rivaldo! Mas eu não era! **Não adianta a pessoa brigar com a sua natureza!** Só vai **se ferir** inda mais!” [...] ele lembrou como essa surra o **abalou**. (UOL)

Fonte: elaborado pela autora.

Os índices “do susto e das humilhações”, “fica envergonhada”, “irritada”, “chocará”, “muito emocionada”, “abalou” e “ele tem coração” sugerem diversos tipos de afetos, os quais estão além da superfície textual das falas dos personagens, estes afetos são portanto produtos da interpretação daquele que entextualiza a cena em textos jornalísticos. Os índices descritos em “do susto e das humilhações” carregam consigo noções de medo e passividade, a humilhação aponta também para o



trauma. O índice “fica envergonhada” apresenta o afeto da vergonha, neste caso a vergonha individual. Halberstam (2005) argumenta que a vergonha é sempre feminina, ainda que praticada por um homem ou um transhomem, nesse caso. À vergonha sempre estará conferida o caráter de feminilidade, um homem torna-se menos masculino e mais feminino caso se envergonhe.

Outro afeto importante neste contexto é o indexicalizado por “irritada”, este afeto sugere a agência de Ivan, que reage, ainda que subjetivamente à agressão, diminuindo o olhar sobre o *queer* como um corpo passivo, melancólico sobre o qual nos fala Love (2002), segundo a autora, a representação dos sujeitos *queer* por muitas vezes tem como pano de fundo sentimentos como nostalgia, vergonha, ressentimento, passividade, escapismo e solidão. Os índices chocará”, “muito emocionada” e “abalou” apontam para o trauma. Segundo Cvetrivich (2003) olhar para trauma é importante porque o trauma faz pressão sobre as formas convencionais de documentar, representar e comemorar, dando lugar a novos gêneros como o testemunho, e novas formas de monumentos, rituais e performances originadas da coletividade.

A melancolia não é diretamente entextualizada nos textos jornalísticos, mas pode ser percebida na fala do personagem sobre si mesmo “Claro que eu tentei ser que nem meus irmãos, o Elson e o Rivaldo! Mas eu não era! Não adianta a pessoa brigar com a sua natureza! Só vai se ferir ainda mais!” a qual, revestida do caráter de lembrança, implica o sentimento de perda daqueles que o rejeitaram por sua identidade. O sentimento de melancolia, neste caso reflete ainda a impossibilidade de mudar algo que está dado “não adianta a pessoa brigar com a sua natureza”, o qual tem consequências que estão expressas por “se ferir mais” que demonstra um sentimento de dor, já existente. Este fragmento aponta também para o sentimento de falha imputada à quebra de expectativa do quadro regulatório de gênero “Mas eu não era”.

6. Considerações finais

Na busca por olhar para a representação entextualizada dos corpos *queer* na sociedade contemporânea através das práticas midiáticas digitais esse trabalho ambicionou observar índices de reconhecimento, precariedade, violência e afeto, bem como marcos de soberania e estado de exceção. No que diz respeito aos índices de precariedade e violência, estes privilegiam representações de violência física, daquela que pode ser observada desde o aspecto da coletividade, de um imaginário social e não individual, refletem os números sobre a LGBTfobia que se concentram em tratar de modos de ação sobre o corpo físico. A visibilidade midiática da violência



contra o corpo trans confere a este subgrupo de vidas, marginalizado pelo biopoder, o reconhecimento da precariedade. A vida em si é representativa de um coletivo numérico que morre todos dias, que é assediada, violentada, ferida, desumanizada.

Enquanto aos índices de entextualização dos afetos, é possível observar que estão implicados de maneira subjetiva e interpretativa, de modo bastante amplo. Os afetos enquanto leituras e interpretações dos autores das recontextualizações das cenas demonstram comoção diante da precariedade e da violência sofrida por estas vidas. Os afetos descritos por vezes são reações de outros/as, que compõe a rede de pessoas próximas àquela vida, para com a violência. O afeto, neste caso, torna o corpo trans reconhecível, dá vida a este corpo, humaniza-o, torna-o enlutado. “A condição de ser enlutado precede e torna possível a apreensão do ser vivo como algo que vive”. (BUTLER, 2015, p. 33) Salientamos aqui que estes afetos tornam dicotomicamente reconhecíveis tanto a precariedade, violência e morte quanto a vida vivível.

“No deslocamento sucessivo há algo que se replica (texto), mas simultaneamente há algo que se renova, caracterizando uma maleabilidade constante”. (FABRICIO, 2016, p. 136) Visto sob esta ótica, é possível considerar que o quadro regulatório de gênero como meio de justificar a violência, a precariedade e o estado de exceção que se replica diante destas vidas que o biopoder exclui. O que se renova, neste caso, são as perspectivas humanizadoras performatizadas através dos afetos. As ordens indexicais norteiam e evidenciam o que se renova e o que se repete.

Referências

AIRES, S. Corpos marcados para morrer. *Cult*, São Paulo, n. 240, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/corpos-marcados-para-morrer/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, California, v. 19, n. 1, p. 59-88, 1990.

BAUMAN, R. *A World of Others's Words: cross-cultural perspectives on intertextuality*. Oxford: Blackwell, 2004.

BENTO, B. Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência. In: COLLING, L.(org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EdUFBA, 2016. p.43-68.

BLOMMAERT, J. *Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.



- BLOMMAERT, J. *Social linguistics scales*. London: Working Papers Urban Language & Literacies, 2006.
- BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BLOMMAERT, J.; MALY, I. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: a case study. *Tilburg papers in culture studies*, Warandelaan, n. 100, p.1-28, 2014.
- BUTLER, J. Corpos que ainda importa. In: COLLING, L.(org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. p.19-42.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.
- CVETRIVICH, A. *An Archive of Fellings: trauma, sexuality, and lesbian public cultures*. Durham: Duke University Press, 2003.
- DINSHAW, C. Introduction: Touching the Past. In: DINSHAW, C. *Getting Medieval: sexualities and communities pre- and postmodern*. Durham: Duke University Press, 1999. p.1-55.
- FABRICIO, B. F. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 129-140, 2016.
- FABRICIO, B. F.; LOPES, L. P. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p.11-29, 2002.
- FABRICIO, B.F. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: LOPES, L.P.(org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 144-168.
- GUIMARÃES, T. F. Embates Entre Performances Corpóreo-Discursivas em Trajetórias Textuais: uma etnografia multissituada. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- HALBERSTAM, J. Shame and white gay masculinity. *Social Text*, Durham, v. 23, n. 84-85, p.2019-233, 2005.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- LOVE, H. *Felling Backward: loss and the politics of queer history*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1edições, 2016.
- MELO, G. C. V.; LOPES, L. P. “Você é uma Morena Muito Bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 54, n. 1, p.53-78, 2015.
- MELO, G. C. V.; LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis) curso*, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 11, 2014.
- NEALON, C. *Foundlings: lesbian and gay historical emotion before Stonewall*. Durham: Duke University Press, 2001.
- PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- SALIH.S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

